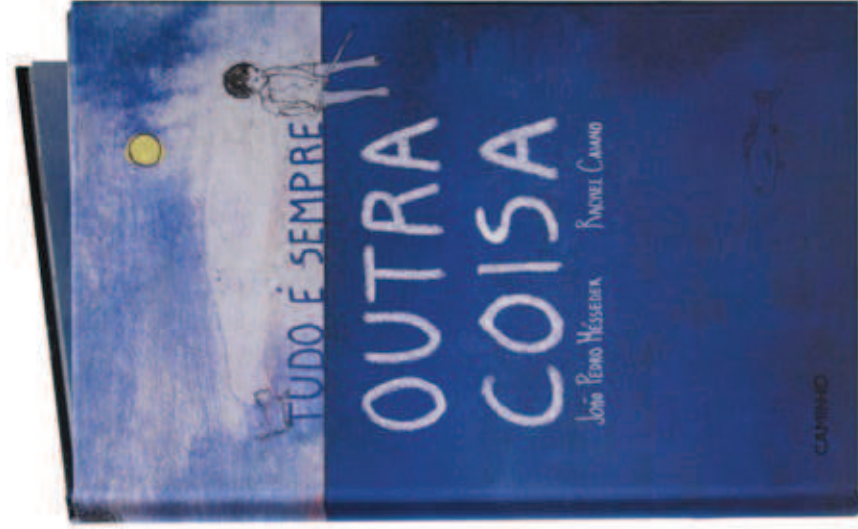


***Tudo é sempre outra coisa***  
**João Pedro Mésseder**  
**Rachel Caiano**  
**Caminho**



Enigmática tese, a deste título, que numa metonímia natural se estenderá a todo o corpo do livro, supõe-se. A dualidade criada pela ilustração começa na capa e na contracapa: envolve o livro e integra-o. A linha que separa, pela cor, dois universos, remete para os dois hemisférios geográficos, ou cerebrais, ou ainda para o clássico mundo superior e inferior. Talvez mais do que tudo, ao observar as pernas do menino submersas pela água, seja esta a linha que Narciso deseja aniquilar, no seu desejo de si mesmo, e que aqui se desfaz, pela mudança de estado. As pernas do menino continuam a ver-se à transparência da água, mas agora mais escuras. A alteração de cor é apenas uma, de entre as possíveis: forma e volume são outras, que também contribuem para que tudo seja sempre, pelo menos potencialmente, outra coisa. Não nos detenhámos em questões de identidade.

Outra coisa é uma ampliação, uma associação, uma disseminação, ou simplesmente algo outro, novo ou não, vestígio, marca, efeito. De facto, o outro pode chegar a ser indizível, irrepresentável, vazio no limite. *Tudo é sempre outra coisa* não subjectiviza. Na verdade, não sabemos o que é: ainda não abrimos o livro.

Nas guardas inverte-se a posição da cor. A clareza é agora inferior e a menina que recebe as gotas num copo está ali. Nas guardas finais, a mão que escreve escolhe o azul anisado no hemisfério superior, contrastando com o avião de papel. Onde se voa, afinal? Na poesia, que abre e fecha o livro? Ou no muro da memória de infância do poeta, que pode bem ser essa fronteira visual que acompanha todas as páginas? Esse muro misterioso que se apresenta como desafio e permite espreitar para outro lado e observar o que existe e o que se sonha existir. A poesia que é uma seca, última metáfora do texto, é descrita, desnovelada em modo instrutivo, figurado também, em contraste com o mar, as ondas, o ribeiro, a chuva que povoam outras metáforas ao longo do livro. É a tal outra coisa que contraria o estado recorrente, frequente, comum das palavras e deixa uma espécie de demonstração de tudo o que a escrita criou nas páginas anteriores. Não é uma lição, uma moral ou um ensinamento, até porque o mistério do estudo reside noutra lugar: «Na visita de estudo, convencido de que está a brincar, o olhar estuda, estuda sem dar por isso. Tanto estuda que, mais tarde, até dá raiva ao que tanto viu

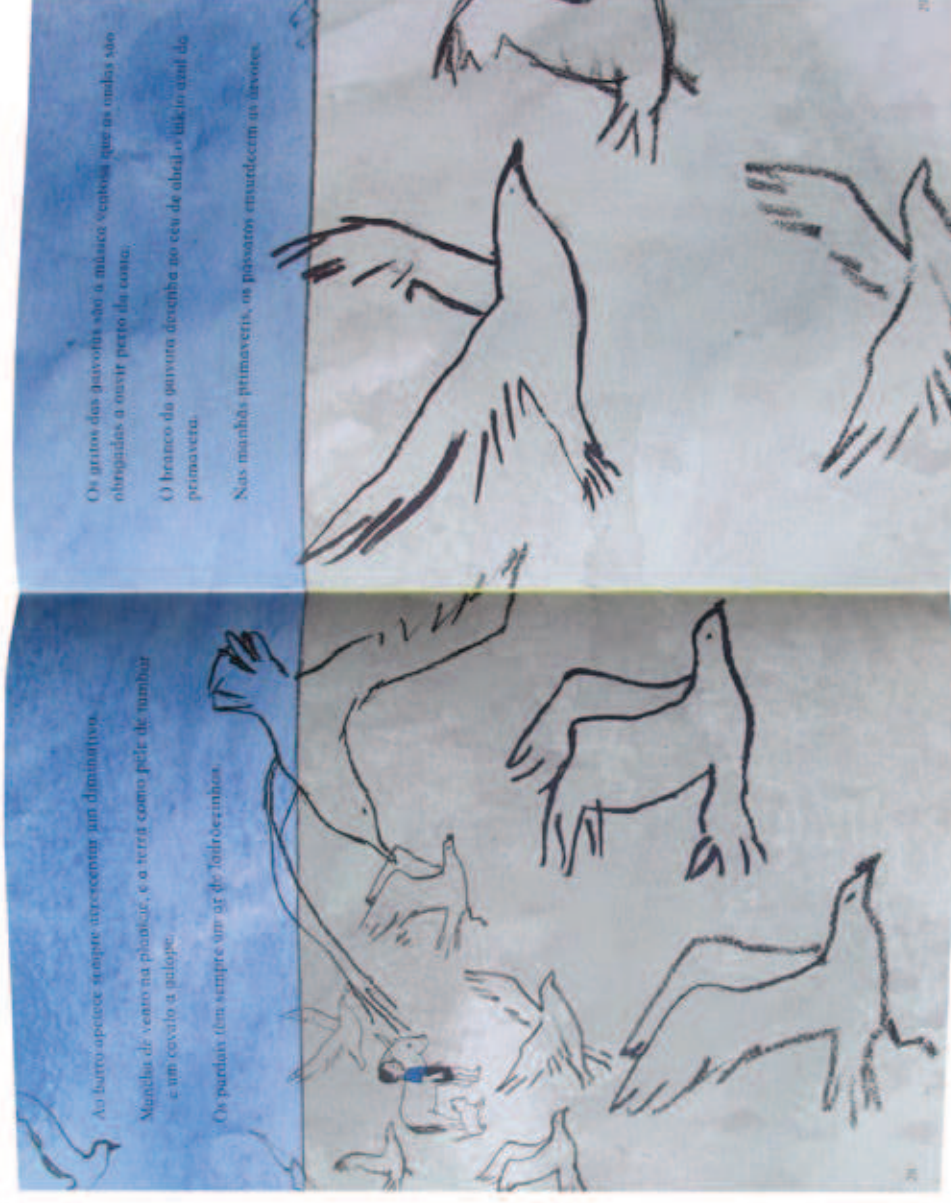
e “estudou” embora não goste de estudar.»  
 Na contracapa lê-se que «A leitura deste livro pode começar por qualquer página.» Assim é. Pode até ler-se cada poema (em prosa) pela ordem que se desejar. Todavia, a coerência do volume não prescinde daquela ordem. Porque uns sentidos puxam outros, numa cadência metonímica de contágio, contaminação, associação. Que relação se pode estabelecer entre o mar, o sono e o pijama? E entre este poema, que inaugura a página, e o que se segue, sobre bicicletas e óculos? E entre um beliche e os corrimões? Rachel Caiano une todos estes elementos em torno do menino que dorme, submerso nesse mar de sonhos que vagueiam, redondos, como bolhas de oxigénio, ou bolas de sabão. Mas não só na ilustração reside a chave para esta unidade. O sono e o sonho, implicitamente, também estão alojados nos sentidos textuais. «Mergulhar no mar do sono» implica mudar de dimensão, ir em profundidade, movimentar-se; os óculos e as bicicletas têm em comum a forma circular e com o poema anterior o movimento e o ato de ver de outra maneira. Assim como os sonhos no beliche que se emaranham se movimentam

e rodeiam recuperam, agora explicitamente, primeira associação, entre sono e sonho. E, finalmente, os corrimões são parte das escadas, que servem para atingir outro espaço, através do movimento. Como os beliches. Poderá ser uma espécie de associação livre, ou simplesmente um exercício de amplificação dos sentidos literais e unívocos das coisas, destituídas da sua funcionalidade, alterando os seus limites, usando-os e subvertendo-os, apagando-os e criando outros.

As coisas são as mais simples (flores, animais, árvores...) e as mais complexas (a liberdade, a pátria, o egoísmo, a desigualdade social). João Pedro

Mésseder é uma das vozes mais elaboradas da poesia (considerada) para a infância. Por isso consegue criar metáforas, representações mais ou menos obtusas para qualquer um dos elementos, sem contaminar uns com os valores dos outros. As coisas são outras no seu universo, não servem de imagem, de fábula ou exemplo para outra intenção.

Depois de *O Pequeno Livro das Coisas*, o poeta persiste num programa titular mas arrisca outro modelo sintáctico. A economia textual não obedece à mesma contenção elíptica e a suspensão opera-se mais devagar, com mais conectores, marcas narrativas de tempo e espaço, sucessões descritivas. No entanto, a mudança



Os gritos das gravofóns sob a música ventosa que as melas são obrigadas a ouvir perto da costa.

O braco do pai-voto desliza no céu de abelha o fúculo azul da primaveria.

Nas manhãs primaveris, os pássaros enredam-se no favores

Ao barro apoteose sempre acrescentar um eliminativo.

Mancha de vento na planície, e a terra como pêlo de nambur e um covelo a palope.

Os pardais têm sempre um ar de João-zezinho

de perspectiva continua a seguir a mesma linha de abertura a um onirismo que se pode apresentar paradoxalmente silogístico, tanto quanto surpreendentemente belo e límpido. Neste volume, muitos poemas soam como pequenas narrativas sonhadas, sem filtro. A ilustração de Rachel Caiano, com as suas figuras infantis, pueris, rosadas e de olhos cheios, pela

mancha de carvão, conduz o texto para o encontro com a criança, como se barcos, papéis, baleias, tigres, comboios, flores e computadores estivessem sempre, algures, no seu encaicho. É pela ilustração que o leitor imagina cada poema sentido, dito, imaginado, por uma criança, aquela, por exemplo, que vê tudo isto quando espreita por cima do muro. E apesar de ser criança antes

de ser poeta, e de só ela saber o que vê, não o adulto que será, ali estão eventuais olhares feitos palavras e imagens. A fronteira horizontal, digamos que seja o topo desse muro, tem uma característica especial: não impede que as palavras se movam entre esses dois hemisférios, tanto que nem sempre é possível distinguir qual deles é o quê. Porque *Tudo é sempre Outra Coisa*.